

# APARADOS DA SERRA RS/SC (Itaimbezinhos)

N. Ab`Sáber

*Texto inédito do saudoso Prof. Aziz Nacib A`Sáber  
Encaminhado à Comissão SIGEP*

A expressão “aparados da Serra” foi aplicada popularmente ao trecho mais retilíneo e homogêneo das escarpas basálticas sublitorâneas da Serra Geral, situadas entre o sudeste de Santa Catarina e o nordeste do Rio grande do Sul. Os povos de língua tupi-guaraní sempre atentos para as paisagens de exceção existentes no entorno de seu território de vivência reconheciam as altas escarpas rochosas sob o nome de itaimbés. A palavra ita representava qualquer tipo de ocorrência de pedras ou rochedos, independentemente de lugar ou escala. Ita eram as exposições rochosas dos costões e costeiras, os travessões de rochas duras do leito dos rios secos dos sertões; os lajedos aflorantes no chão das caatingas; ou nas ombreiras deserras e frontais das cascatas e cachoeiras. O nome itaimbé, porém, era reservado para rebordos rochosos de altiplanos e chapadas. Independente, evidentemente, do tipo de rocha ou detalhamento geomorfológico. Os colonizadores, por sua vez – extasiados com as grandes paisagens de exceção que faziam rupturas flagrantes na importante continuidade das paisagens ecologicamente (?) rotineiras dos mais diferentes domínios da natureza do território brasileiro, identificaram os itaimbés como talhados, tombadores e paredões . E, em um caso especial – de grande expressão morfológica – introduziram o nome simbólico de aparados da Serra, para as escarpas espetaculares do bordo atlântico do altiplano basáltico gaúcho, tal como hoje o reconhecemos.

Para os que procedem do altiplano basáltico ondulado de Vacaria ou São Francisco de Paula, a chegada à beira do planalto, equivale ao encontro de inusitados desfiladeiros, caídos para o vazio. Ao inverso, para os que vem das colinas e morros da retro-terra litorânea, o encontro com as vertentes verticais e retilíneas da Serra Geral, equivale a um contato visual com a mais extensa muralha rochosa de todo o extenso Planalto Brasileiro. Na visão popular dos primeiros desbravadores, existiu realmente a idéia de que alí a natureza recortou e aparou a pilha de rochas duras: daí o nome “aparados da Serra“. Os itaimbés dos povos guaraní transformou-se em “aparados” dos portugueses. Entretanto para a garganta estreita e profunda de um dos vales que re-entalham a elevada frente das escarpas, concebeu-se o nome híbrido de itaimbézinho. Um acidente ligado à erosão de talvegue, que um dos muitos cursos de rios obsequentes regionais efetua transversalmente às escarpas basálticas, expondo o ventre rochoso contínuo da extraordinária pilha de rochas vulcânicas do Triássico Superior (*acertar idade!!!! Agora é Cretáceo Inferior*).

A Serra Geral, em seu front atlântico – desde o sudeste de Santa Catarina até o nordeste do Rio Grande do Sul – constituem o mais elevado e imponente sistema de escarpas de todo o território brasileiro. Nesse trecho particular das regiões sublitorâneas da fachada atlântica do país, a Serra Geral substitui a Serra do Mar em tudo que respeita às condições geológicas, geocológicas e fitogeográficas. Na Serra do Mar ocorre uma das mais importantes escarpas tropicais, talhada em rochas cristalinas – dotadas de extensivas florestas biodiversas – que se conhece em todo planeta. Tem sido caracterizada como o mais alto degrau relicto dos falhamentos escalonados produzidos na fachada atlântica, durante o mega-processo de separação do Brasil em relação à África. Entretanto, após ao reverso do “front dissequé de bloc faille”- para usar da linguagem de Francis Ruellan – existe o rift valley do médio Paraíba, ladeado

por serranias, tendo ao fundo a Serra da Mantiqueira, uma réplica interiorizada das escarpas da borda costeira do planalto. Tudo compondo um complexo topográfico derivado do sistema de montanhas de blocos falhados incorporados às terras altas do Sudeste brasileiro; enquanto um sistema submarino profundo indica o conjunto oculto de blocos falhados das bacias cretácicas marinhas geradas nas bordas dos continentes desconjuntados pela mega-tectônica de placas.

Os conhecimentos geológicos disponíveis sobre as bacias sedimentares da Amazônia e do Paraná permitem um melhor entendimento da evolução paleogeográfica da face oeste do continente de Gondwana. Em um longo período de tempo, antes da abertura do Atlântico pela tectônica de placas. Portanto, num tempo, em que toda a sedimentação esteve vinculada a grandes reentrâncias voltadas para o paleo-Pacífico. Na Amazônia, um imenso golfo, embutido entre o Escudo Brasileiro e o Escudo Guianense. Uma faixa de sedimentação oeste-leste, em atividade desde o Siluriano (e, talvez Ordoviciano) até ao Devoniano e Carbonífero Superior, acrescida mais tarde por depósitos do Cretáceo Superior (Formação Alter do Chão). Quando se iniciaram os primeiros dobramentos da geossinclinal andina, remanescentes terminais de mares rasos do Mioceno ficaram encarcerados na Amazônia Ocidental. Ao mesmo tempo, em que outros mares, da mesma idade, preenchiam a recém formada Fossa de Marajó. Extensos depósitos de cobertura – fluviais e flúvio-lacustres – do Plioceno (Formação Solimões) colmatara as largas depressões situadas entre o arco Cisandino, o Escudo Brasileiro e o Escudo Guianense, com uma réplica de menor extensão, desde o nordeste do Pará até ao Amapá. E, sobre tais depósitos do fim do Plioceno houve uma superimposição da rede hidrográfica do grande rio Amazonas. A barragem feita pelo soerguimento dos Andes, entre os fins do Mioceno e o Plioceno acabou por inverter a direção geral das antigas drenagens dirigidas para o golfo, projetando-as para leste.

Os minuciosos estudos de Viktor Leinz sobre as lavas basálticas mesozóicas do Rio Grande do Sul, contribuíram decisivamente para se entender as implicações dos diferentes tipos de diaclasamento térmico para a gênese das escarpas e vertentes de vales e canyons regionais. Foi anotado por Leinz que a pilha total dos derrames superpostos comportava 600 metros em média, correspondentes à somatória dos processos eruptivos dos meados da era mesozóica. Ficou claro nos seus estudos, que, os derrames ao se esfriarem, ficaram sujeitos a diaclases verticais predominantes, produziam verticalidades nas escarpas e paredes dos canyons. Sendo que os derrames superpostos, em forma predominantemente plano-paralela, criavam atenuações no declive das vertentes dos vales que seccionavam o platô basáltico a partir do reverso dos “Aparados”. Mais do que isso, determinavam uma sugestiva alternância entre faixas íngremes e faixas rampeadas. Do que resultava que as beiradas íngremes dotadas de litossolos restavam recobertas de matas subtropicais, enquanto as faixas discretamente convexizadas, dotadas de terras roxas, eram extensivamente cultivadas. É essa espécie de “terraceamento” natural das vertentes dos vales da “Serra do Rio Grande do Sul” que, bem utilizadas pelos colonos alemães e italianos, redundou em uma das mais racionais paisagens agrárias do Brasil. Independentemente de sua atual rentabilidade para atender a uma população cada vez mais densa, seduzida pelos atributos do mundo urbano, ou interessada em glebas de distantes regiões de cujos solos pouco ou nada sabem.

Em termos de drenagem, os “aparados da Serra” funcionam como uma área de rios curtos, dirigidos para o litoral atlântico, da faixa Pinhal/Tramandaí e Torres/Sombrio. Alguns desses cursos, isolados entre si, tem forte dinâmica erosiva linear, sendo responsáveis pelo entalhamento de canyons curtos e profundos, tais como o Itaimbezinho. A estreiteza relativa dessas gargantas de paredes rochosas verticalizadas e ruprestes, constitui um dos patrimônios paisagísticos complementares dos “Aparados”. Diaclases tectônicas que se agregaram ao sistema

de diaclases verticais intra-basálticas, parecem ter tido influência radical para a erosão remontante dos rios responsáveis pelos “itaimbezinhos”. As belíssimas cascatas do fundo de tais canyons curtos, revelam a participação de lavas de disposição plano-paralela na retenção local do forte entalhamento de talweg dos cursos d’água que rompem a (?) (*palavra final ininteligível*)

O alinhamento da escarpa basáltica é rigidamente NNE-SSW, sincopado apenas por canyons curtos, estreitos e profundos, os pequenos cursos d’água saídos da beira atlântica do planalto. Em muitos pontos, a partir de 1.100-1.300 metros de altitude na beira dos altiplanos basálticos, ocorrem desníveis de centenas de metros, em posição quase vertical. Pequenos trechos de canyons estreitos e profundos sincopam os aparados da Serra com re-entrâncias espetaculares. As escarpas basálticas foram designadas pelo nome tupi-guaraní de itaimbé. Em outras bordas de platôs, existentes em distantes regiões do país (Chapada Diamantina, bordos orientais do Araripe) aplica-se a casos idênticos, embora menos contínuos e salientes, o nome de talhados. No nordeste do Rio Grande do Sul e extremo sul-sudeste de Santa Catarina, vingou a simbólica expressão de “aparados da Serra”.

A sucessão dos fatos geológicos e geomorfológicos que responde pela existência dos “aparados da Serra”, apresenta muitas incógnitas e desafios aos geocientistas. Tudo ali, conduz para uma interpretação de que se trata de um escarpamento recuado, a partir de um complexo sistema inicial de falhas geomorfológicamente contrárias. Este caminho de interpretação explicaria o caráter tectônico do núcleo principal do escarpamento, assim como sua homogeneidade e linearidade espacial, complementado por um recuo reduzido. Mas, deixaria em aberto a questão da generalizada eliminação erosiva dos pacotes de lavas, quebradas e descendentes, fachada atlântica regional. Nesse sentido, apenas os basaltos dos morrotes de Torres, constituem um documento concreto das deformações tectônicas mais antigas que atingiram a área situada a leste dos gigantescos “aparados”. Invocando-se a longevidade do tempo decorrido entre o soerguimento do campo de lavas do Planalto Nordeste do Rio Grande do Sul e os processos erosivos mutantes da era terciária, pode-se aceitar a idéia de uma generalizada remoção dos antigos testemunhos dos blocos falhados, outrora localizados a leste da escarpa principal.

A espessura e o formato macro-regional das lavas basálticas na região dos “Aparados” tem um interesse científico mais amplo do que a simples consideração de suas enigmáticas feições paisagísticas. Viktor Leinz (19 ), em seu estudo clássico, registrou 13 fases de derrames superpostos, ao longo dos escarpados regionais, totalizando 600 a 800 metros de espessura.

Ao término de sua formação o Planalto Basáltico do Nordeste do Rio Grande do Sul, o seu dorso geral possuía enclinações para oeste, sudoeste, e sul, através de um leque de rios de tipo consequente. Durante o processo de soerguimento epirogênico do edifício principal dos grandes derrames aconteceram encaixamentos importantes dos rios que se dirigiam para oeste (Pelotas), rios que se dirigiam para o sul (afluentes da margem esquerda do Jacuí), enquanto os pequenos cursos que dirigiam para leste tiveram dificuldades para festonar os aparados, sendo que alguns deles entalharam canyons curtos e profundos em setores específicos das escarpas. Do lado continental o encaixamento dos rios, como o Pelotas e o Antas, refletiram os estímulos sucessivos de uma epirogenese que atuou por diversos ressaltos durante o decorrer da era terciária. Fato que compatimentou o planalto basáltico e criou magníficas paisagens na Serra Gaúcha.